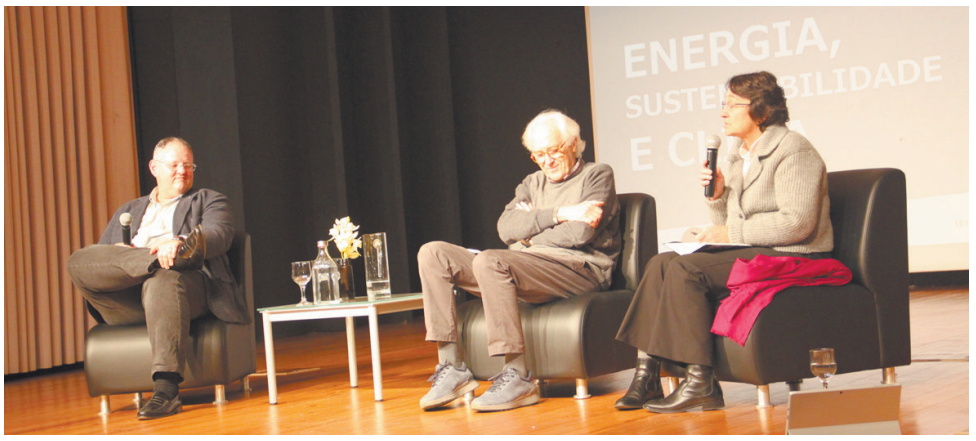
Conferência sobre Clima e Transição Energética celebrou 8º aniversário da associação Círculo Cultura e Democracia

Uma excelente conferência sobre Clima e Transição Energética assinalou o 8º aniversário do Círculo Cultura e Democracia (CCD). Na Loja de Turismo, dois conceituados investigadores partilharam com o público as suas perspectivas sobre um dos temas-problema mais prementes da actualidade. Júlia Seixas, docente e investigadora em Ambiente e Energia e pró-reitora da Universidade NOVA de Lisboa para a sustentabilidade, e Bruno Soares Gonçalves, investigador, professor de Física no Instituto Superior Técnico, e presidente do Instituto de Plasmas e Fusão Nuclear, suscitaram um precioso debate em que estiveram em cotejo respostas diferenciadas sobre como salvar uma Terra ameaçada pelo efeito de estufa, o degelo dos glaciares e o exacerbado consumo de recursos. A questão das implicações ambientais e sócio-económicas da transição das energias tradicionais para as energias renováveis prendeu ainda a atenção dos ouvintes, num apontar de soluções em que o investimento em energia nuclear, defendido por Bruno Gonçalves, tornou ainda mais aceso e polémico o debate que celebrou mais um ciclo de vida do CCD, evento que teve as presenças do Grupo de Cantas e Cramois do Conjunto Etnográfico de Moldes e das autarcas Margarida Belém e Cláudia Oliveira.



«PROMOVER O DEBATE E DESPERTAR CONSCIÊNCIAS»

Fundado a 11 de Janeiro de 2016, o CCD conta já um amplo conjunto de conferências, jornadas de ciência, tertúlias e concertos, entre outras iniciativas. Personalidades de renome, especializadas em conteúdos que vão das ciências experimentais às ciências sociais e humanas e às artes, são presença habitual nos eventos da associação. Ao RODA Viva, Marta Duarte, coordenadora da direcção do CCD, expressou a satisfação pelo caminho já percorrido.

O que representam estes oito anos de dedicação à cultura em Arouca? Com uma equipa pequena e com poucos recursos, o CCD consegue ter já uma programação pública bastante frequente em Arouca, de oito a dez eventos por ano. É com muito orgulho e satisfação que realizamos um trabalho que é sério e enriquecedor do panorama cultural em Arouca. Todos os arouquenses são bem-vindos às nossas iniciativas.

O CCD é uma associação idealizada por arouquenses. Porquê essa designação? O CCD é uma associação arouquense feita por arouquenses, como tantas outras, nossas companheiras. Achamos que a democracia, embora imperfeita, é o caminho que podemos cumprir para uma sociedade mais justa e de progresso. Consideramos também que é pela via da cultura e do conhecimento, do debate e do cruzamento de perspectivas que podemos ser cidadãos plenos e com uma participação qualificada. Círculo, porque somos um grupo que abarca, que quer abraçar, contagiar, que quer arranjar mais cúmplices, um círculo que se quer circulando.

O projecto cultural do CCD é eclético e multifacetado. Até onde pretende ir? Não nos fixamos numa mensagem única. Queremos espicaçar a reflexão e despertar consciências. Despertar as pessoas para pontos de vista diferentes, mas sempre dentro de um espírito democrático, de respeito mútuo no debate e no confronto de ideias. Todos os pontos de vista são bem-vindos. Depois, podemos concordar, discordar, rebater, argumentar... Isto só nos enriquece.

O CCD nasceu há oito anos. Veio para preencher algum vazio no movimento associativo arouquense? Sem nenhuma crítica. Se já houvesse outros a fazerem o que nós fazemos, não fazia sentido o CCD surgir. Arouca é uma terra pequena, mas isso não significa que nela exista tudo. O CCD nasceu para enriquecer, para acrescentar ao que de muito rico já se faz. Todo o nosso percurso tem um ponto de honra que é não nos sobrepormos àquilo que outros já fazem muito bem. Viemos com o espírito de acrescentar, agitar, inovar.

Conta com que apoios? Nunca pedimos subsídios monetários. Temos outro ponto de honra que é o sermos independentes. Os apoios que pedimos à Câmara Municipal ou a outras instituições são em termos de equipamentos ou de apoio na divulgação das actividades. Quando optamos por iniciativas de grande envergadura, fazemo-lo em parceria. Quando as realizamos com a Câmara, esta disponibiliza mais recursos, mas sempre numa lógica de co-organização. Temos tido os apoios que solicitamos, mas precisamos também de pessoas, porque as actividades fazem-se com equipas.

Marta Duarte

Desejos gostaria de ver realizados para a associação? Somos um colectivo, eu sou apenas o porta-voz. O trabalho é de todos. Com oito anos, o CCD é ainda uma criança. Celebramos os nossos aniversários oferecendo à comunidade uma actividade, não realizamos um jantar de aniversário. Somos poucos, é um trabalho voluntário, mas temos uma ambição grande de chegar a mais pessoas e a mais locais, mas para isso precisamos de mais recursos para testar outros formatos ou alargar a programação. Há sempre o objectivo de fazer mais e melhor. Há um caminho de grande qualidade já feito e que queremos honrar. Isso já é uma grande responsabilidade.

Manuel Matos Sousa